

BOLSONARO E (O CASO) THIAGO BRENNAND: EXPRESSÃO DO MACHISMO ESTRUTURAL BRASILEIRO

BOLSONARO AND (THE CASE OF) THIAGO BRENNAND: EXPRESSION OF BRAZILIAN STRUCTURAL MACHISM

BOLSONARO Y (EL CASO DE) THIAGO BRENNAND: EXPRESIÓN DEL MACHISMO ESTRUCTURAL BRASILEÑO

Luciane de Paula¹, Carolina Gomes Sant'ana²

DOI: 10.54899/dcs.v22i83.3572

Recibido: 13/10/2025 | **Aceptado:** 20/10/2025 | **Publicación en línea:** 31/10/2025.

RESUMO

A ascensão e o investimento à normalização sociocultural de discursos de ódio pelo porte de armas e pela incitação à violência, principalmente contra minorias (e, em especial, pelas mulheres), foi uma estratégia (necro)política do governo Bolsonaro. O aumento de casos de feminicídio e demais violências contra as mulheres cresce desde então. Os atos do empresário Thiago Brennand expressam as consequências desses enunciados. Este artigo visa refletir sobre a relação entre discursos do sujeito Bolsonaro, no mais alto cargo público político brasileiro (a presidência) com dados de violência (publicados conforme colhidos de modo oficial, ainda que subnotificados) como prática efetiva político-ideológica, como expresso pelo caso Brennand, que reflete e refrata valores estimulados pelo Brasil bolsonarista e este, característico do machismo estrutural, típico sustentáculo do patriarcado e, de modo interseccional, capitalista e racista. A análise empreendida, fundamentada nos estudos bakhtinianos e feministas, revela, como resultado, de que modo o machismo estrutural brasileiro se cristaliza/perpetua e como as práticas de e entre gêneros refletem e refratam políticas públicas e vozes socioculturais.

Palavras-chave: Estudos Bakhtinianos. Mulher. Política. Sociedade. Machismo Estrutural.

ABSTRACT

The rise and investment in the sociocultural normalization of hate speech involving gun ownership and incitement to violence, particularly against minorities (and especially women), was a (necro)political strategy of the Bolsonaro administration. The increase in cases of femicide and other forms of violence against women has been growing ever since. The actions of businessman Thiago Brennand express the consequences of these statements. This article aims to reflect on the relationship between Bolsonaro's discourse, in the highest public office in Brazil (the presidency), and data on violence (published as officially collected, albeit underreported) as an effective political-ideological practice, as expressed by the Brennand case, which reflects and

¹ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil. E-mail: lucianedepaula1@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1727-0376>

² Mestra em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara, São Paulo, Brasil. E-mail: carolina.santana@unesp.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0121-556X>

refracts values fostered by Bolsonaro's Brazil, which is characteristic of structural machismo, a typical pillar of patriarchy and, intersectionally, capitalist and racist. The analysis undertaken, based on Bakhtinian and feminist studies, reveals, as a result, how Brazilian structural machismo crystallizes/perpetuates and how practices of and between genders reflect and refract public policies and sociocultural voices.

Keywords: Bakhtinian Studies. Women. Politics. Society. Structural Machismo.

RESUMEN

El auge y la inversión en la normalización sociocultural del discurso de odio que involucra la posesión de armas y la incitación a la violencia, particularmente contra las minorías (y especialmente las mujeres), fue una estrategia (necro)política del gobierno de Bolsonaro. El aumento en los casos de feminicidio y otras formas de violencia contra las mujeres ha ido en aumento desde entonces. Las acciones del empresario Thiago Brennand expresan las consecuencias de estas declaraciones. Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre la relación entre el discurso de Bolsonaro, en el cargo público más alto de Brasil (la presidencia), y los datos sobre violencia (publicados como recopilados oficialmente, aunque subregistrados) como una práctica político-ideológica efectiva, como lo expresa el caso Brennand, que refleja y refracta valores fomentados por el Brasil de Bolsonaro, que es característico del machismo estructural, un pilar típico del patriarcado y, interseccionalmente, capitalista y racista. El análisis realizado, basado en estudios bajtinianos y feministas, revela, como resultado, cómo el machismo estructural brasileño se cristaliza/perpetúa y cómo las prácticas de y entre géneros reflejan y refractan políticas públicas y voces socioculturales.

Palabras clave: Estudios Bajtinianos. Mujer. Política. Sociedad. Machismo Estructural.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Pretendemos analisar, pela perspectiva bakhtiniana, como os enunciados de Jair Bolsonaro, no período em que esteve na presidência do Brasil (2019-2022), impactaram a sociedade, com incentivo à violência acompanhada da impunidade aos agressores, perpetuando o machismo estrutural. Algumas declarações de Bolsonaro serão observadas em diálogo com o caso de Thiago Brennand, conhecido ao ser denunciado no programa Fantástico, da Rede Globo, dada a alta repercussão de violência contra mulheres no Brasil contemporâneo.

O objetivo é entendermos como os enunciados (Paula e Luciano, 2021, 2022b) de violência produzidos na superestrutura legitimam a violência na base, principalmente ao observarmos o aumento do número de casos de violência contra as mulheres. Em 2022, a curva

do mapa da violência apresentou uma alteração de descendência para ascendência, com registro de aumento de 5% de feminicídio, comparado ao ano anterior (Velasco, 2023); 2022 (último ano do governo Bolsonaro, ou seja, depois de 3 anos do Estado incitando ódio, direcionado, entre outros grupos, às mulheres; e também de pandemia, segundo a ONU) teve o maior registro de feminicídios cruéis, realizados, inclusive, publicamente, desde a criação da lei (2015) que tipificou o assassinato de mulheres como feminicídio.

Em conformidade com Volóchinov, esta reflexão parte, metodologicamente, de:

1) Formas e tipos de interação em sua relação com as condições concretas; 2) Formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação na qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva e na criação ideológica; 3) Partindo disso, a revisão das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (Volóchinov, 2017, p. 220).

O critério metodológico de seleção do *corpus* composto por enunciados de Jair Bolsonaro é, além da voz social da extrema direita, refletida e refratada por esse sujeito político-discursivo, espaço-temporal, pois declarações desse sujeito no Brasil, durante o período de sua carreira política; e também temático, uma vez que só foram selecionados alguns dos pronunciamentos midiáticos voltados à violência contra as mulheres e em prol do armamento civil.

Em relação dialético-dialógica (Paula L, Figueiredo e Paula S, 2011; Di Fanti, Paula e Ponzio, 2021; Paula, Di Fanti, Ponzio e Paschoal, 2021), voltamo-nos aos casos de violência realizados por Thiago Brennand, delimitados pelos mesmos critérios: espaço-temporal (também produzidos no Brasil, ainda que em um período mais curto e recente), que refletem e refratam as temáticas abordadas – violência contra as mulheres e armamento –, a fim de demonstrar as consequências, no solo social, de discursos de ódio que normalizam a violência contra as mulheres, principalmente proferidos por figuras políticas em cargos de alto escalão, caso do presidente da República.

Os enunciados aqui estudados dão continuidade a reflexões contínuas das autoras (Paula e Sant'ana, 2020 e 2022b) e são abordados como verbivocovisuais (Paula e Luciano, 2024), em seus respectivos contextos (situados), colocados em relação (diálogo), a fim de assegurar uma reflexão analítica e interpretativa, metodologicamente marcada pela acuidade histórica valorativa. Esse fator justifica a escolha de enunciados de sujeitos responsivos entre si como *corpus* de pesquisa, pois, ecoam um ao outro, reverberam uma época e um grupo e ressoam a voz social machista, violenta à mulher, como reflexo e refração (Melo, 2010) estrutural.

Segundo Bakhtin (2011), não existe enunciado isolado, pois ele integra um contexto e

dialoga com enunciados passados e futuros. O enunciado é a concretização da consciência cognoscível (Paula e Luciano, 2022a) de um sujeito, composta por signos ideológicos, materializados em enunciados (verbais e não-verbais). Conforme Volóchinov:

A consciência se forma e se realiza no material sónico criado no processo da comunicação social de uma coletividade organizada. A consciência individual se nutre dos signos, cresce a partir deles, reflete em si a sua lógica e as suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica. (Volóchinov, 2017, p. 97)

Ao trazermos as noções de ideologia e dialogia para esta reflexão, este artigo apresenta: 1) uma discussão sobre uma política valorada pela ideologia do ódio (da violência, da guerra do eu contra o outro e da destruição); 2) a relação da necropolítica bolsonarista com a mídia e seu papel sociocultural, tendo o caso Brennand como foco de banalização da violência contra mulheres. Por fim, apresentamos os resultados da reflexão empreendida, tendo em voga o embate sociocultural e político que tem caracterizado o Brasil e como as mulheres têm sido tratadas.

A ASCENSÃO E A DOMINAÇÃO DE UM DISCURSO E DE UMA PRÁXIS NECROPOLÍTICOS NO BRASIL

Jair Bolsonaro, ocupou o cargo de presidente do Brasil entre 2019 e 2022, período em que produziu mais intensamente e com maior visibilidade diversos enunciados que perpetuam o machismo estrutural, como têm denominado Paula e Sant'ana (2022a), na esteira de Saffioti (2015) e demais valores necropolíticos, como estudaram Paula e Siani (2020), contra minorias.

Por machismo estrutural, Saffioti entende:

[...] o sexismo não é somente uma ideologia, reflete, também, uma estrutura de poder, cuja distribuição é muito desigual, em detrimento das mulheres.” Sendo assim, as ideologias patriarcais e conservadoras de inferioridade e objetificação da mulher, resultam em uma forma de opressão sistemática, enraizada nas estruturas constituintes da sociedade, daí, a expressão por nós utilizada (machismo estrutural) (Saffioti, 2015, p.15).

Compreendemos o machismo estrutural como um sistema de valores e práticas arraigadas na organização sociocultural que atribui ao homem cis branco de classe alta uma posição de superioridade em relação aos outros homens e, em especial, às mulheres.

Bolsonaro foi deputado federal pelo Estado do Rio de Janeiro de 1991 a 2018, quando foi eleito presidente do Brasil para o quadriênio de 2019 a 2022. Foram, no total, 31 anos de atuação

político-partidária em cargo público perpetuando ideologias de extrema direita e tendo apoio de eleitores suficientes para se eleger e, por sua influência, eleger seus quatro filhos homens (em ordem de nascimento: Flávio Bolsonaro, Carlos Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro e Renan Bolsonaro). A ocupação dessa família na política revela sua atuação e também nos faz pensar em quanto a mentalidade brasileira se identifica com os valores propagados por seus integrantes, uma vez que eleitos com grande número de votos, por mandatos sucessivos, ao longo de anos.

As falas do ex-presidente, principalmente durante seu período de governo, incentivaram e incentivam ainda hoje o armamento civil, com a justificativa de uso para coleções ou caça (categoria “Colecionador, Atirador Desportivo e Caçador” [CAC], com concessão para certificados de porte de armas para pessoa física) ou para autodefesa. Durante seu governo, a aquisição legal e o registro de armas foi facilitado e gerou um aumento de 78% no número de novas armas, o que subiu de 1,3 milhão para 2,3 milhões em novembro de 2021 (UOL, 2022). Em uma live de 2022, ano eleitoral em que foi candidato à reeleição, Bolsonaro disse:

O cidadão comum puxa aumento de registro de armas. É lógico, vou vender arma para quem, para as Forças Armadas? Vai comprar .38, .32, .40? É o cidadão comum mesmo que compra armas e nós colaboramos, facilitamos para que o cidadão comum, se assim o desejar, com critérios, comprasse armamento [...] Até o final do ano, se Deus quiser, vamos dobrar o número de CACs [Caçador, atirador e colecionador] (UOL, 2022)

Em uma outra ocasião, do mesmo ano, ele declara, em discurso público, que:

Por isso o parlamento deu o direito a vocês, com sansão minha, da posse de arma estendida a todo o perímetro da propriedade. Por isso eu determinei aquele direito no Exército Brasileiro de conceder os registros dos CACs pra vocês também. Povo armado jamais será escravizado. Compre suas armas! Compre suas armas! Isso também está na Bíblia, lá no Pedrão. Venda suas capas e compre espadas. Nós não somos cordeiros. Não queremos ser lobos também, mas jamais seremos cordeiro de dois ou três. Vamos dizer que a nossa liberdade é sagrada e ela não tem limites. Não tem esse papinho de fake news. ‘Ele fez fake news’. Ah vai pra... vai pra ponta da praia, pô! O problema do Brasil é fake news agora? (Moratelli, 2022)

Bolsonaro utiliza(va) o cristianismo neopentecostal como respaldo para posse de armas e outras tomadas de posição em suas falas. No caso das armas, no excerto citado, a expressão “se Deus quiser” e a frase “isso também está na Bíblia, lá no Pedrão” comprovam esse uso, deslocado, o que revela o desconhecimento do que diz, afirmado apenas para vinculá-lo ao campo religioso daqueles que se autodesignam “cristãos”. O “Pedrão” mencionado por ele é Pedro, apóstolo de Jesus, entretanto, o versículo que ele atribui a este apóstolo está, na verdade, no livro de Lucas: “Então, Jesus os adverte: ‘Agora, porém, quem tem bolsa, pegue-a, assim como a mochila de

viagem; e quem não tem espada, venda a própria capa e compre uma” (22:36). A adaptação feita por Bolsonaro demonstra a estratégia retórica utilizada pela extrema direita: o deslocamento, a inversão, a acomodação, a exclusão (como modo de extermínio), a descontextualização e a falta de referência ou a fonte equivocada (na certeza da não checagem), em prol da conveniência do seu dizer para cancelar, em nome de “Deus”, com a autoridade que essa voz simboliza, o que ele, Bolsonaro, diz e faz, para ter apoio “inquestionável”, fomentado pela fé em um “Messias”.

O uso da religião como ferramenta de manipulação é uma estratégia histórica antiga, na qual Bolsonaro e a extrema direita conservadora se apoiam, como já ocorreu na Idade Média Inquisitorial, no nazifascismo de Hitler, Mussolini e Salazar, além de todo o “verde-amarelismo” ao qual se refere Chauí (2000) como “Mito Fundador” que gesta o Brasil como sociedade autoritária, desde sua colonização. Essa tática se apoia na ideia de que o ser humano não tem poder ou direito para ir contra a vontade de um Deus onisciente, onipresente e onipotente. Assim, se na Bíblia, livro que retrata a palavra desse Deus, existe a mensagem de que o sujeito deve se armar, o sujeito brasileiro contemporâneo deve seguir a palavra de Deus e se armar.

O uso da religião funciona como apelo aos sujeitos religiosos que acreditam não poderem questionar a interpretação daqueles que dizem entender mais da palavra de Deus do que eles (como padres e pastores), nesse caso, um presidente que se apropria do discurso religioso cristão. Os enunciados do ex-presidente são repletos de ideologias que apelam à identificação de grande parte da população (já que a soma dos 50% de brasileiros que se autodeclararam católicos com os 31% evangélicos [G1, 2020], o Brasil apresenta 81% de sua população, sem contar outras vertentes cristãs religiosas minoritárias) e propõe uma lógica e uma política de Estado oposta à Constitucional (que assegura a laicidade do Estado) ao atrelar o discurso religioso ao político.

Um aumento tão drástico de cidadãos armados por incentivo do governo nos faz questionar acerca das consequências dessa política institucional e sua relação com a violência contra as mulheres. Ao olharmos o número de homicídios dolosos de mulheres não classificados como feminicídios, vemos que ele atingiu um total de 3.930, em 2022 (último ano do governo Bolsonaro) e isso significou um aumento de 3% com relação a ano anterior. O número vai na contramão dos casos de homicídios em geral, que caíram 1%. Desses 3.930 homicídios, 1.410 foram casos de feminicídio (um a cada seis horas), o que representa um aumento de 5% em relação a 2021. O aumento de feminicídios é mais gritante quando comparado com 2018, que registrou 1.225 casos (Velasco, 2023).

Um estudo do Instituto *Sou da Paz*, publicado em 2021, revela que a arma de fogo é a

mais utilizada em casos de violência contra a mulher e que de 2012 a 2020, armas de fogo foram utilizadas em metade dos feminicídios. Em 2020, 1.920 mulheres foram vítimas de armas de fogo, um aumento de 5,6% com relação ao ano anterior. O relatório do Instituto demonstra que a maioria dos casos acontece dentro de casa e que “a residência é o local de morte por agressão com arma de fogo de apenas 11% dos homens, enquanto é o local da morte por agressão com arma de fogo de 26% (1/4) das mulheres”. Além disso, questões de raça também geram impacto nesses números, já que nas mortes de mulheres causadas por armas de fogo em 2019, 64,7% das vítimas eram negras (Instituto Sou da Paz, 2021). De acordo com Saffioti,

É importante frisar a heterogeneidade das categorias sociais que recebem tratamento de minoria, como negros, mulheres. As próprias classes dominantes incentivam a manutenção desta heterogeneidade. Mais ainda, estimula o surgimento de maior grau de diferenciação interna destas categorias sociais. Graças a esta heterogeneidade, as classes dominantes podem, facilmente, dividir movimentos reivindicatórios destas categorias sociais, de modo a enfraquecê-los. (Saffioti, 1987, p. 87)

Perante tamanho aumento de casos de violência contra a mulher, caberia ao governo a aplicação de políticas públicas para garantir a segurança das mulheres, assim como outras minorias. Todavia, durante o governo Bolsonaro, a verba destinada para esses combates foi muito mais baixa do que deveria e do que a de outros governos, anteriores. Em 2022, a verba destinada a políticas públicas de proteção às mulheres atingiu seu número mais baixo:

No total, foram alocados cerca de R\$ 5,1 milhões para o enfrentamento à violência e promoção da autonomia, R\$ 8,6 milhões para as Casas da Mulher Brasileira foram alocados e 29,4 milhões para o Ligue 180: Central de Atendimento à Mulher, neste ano, totalizando aproximadamente R\$ 43,1 milhões. (Oliveira, 2022)

O valor seria encaminhado para o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos (substituído pelo Ministério das Mulheres no Governo de Lula, em 2023). Para 2023, o valor total foi de R\$ 327,9 milhões (ICL Economia, 2022). Esse valor foi o único orçamento que Bolsonaro deixou provisionado ao Ministério, tanto para funções básicas (como pagamento de salários e despesas), quanto para a realização das políticas públicas de combate à violência contra as mulheres. Em 2023, ao assumir o cargo de Ministra das Mulheres, Aparecida Gonçalves, afirmou:

O projeto de lei orçamentária enviado [pela equipe do ex-ministro da Economia, Paulo Guedes] ao Congresso, em 2022, previu míseros R\$ 23 milhões para [as ações agora sob a responsabilidade de] este ministério, o que representa apenas 10% dos valores [destinados ao setor] no orçamento de 2015. (Rodrigues, 2023)

O envio de tão poucos recursos para programas e ministérios tão essenciais demonstra como o sucateamento deles foi parte do projeto necropolítico (Paula e Siani, 2020) do governo nazifascista e eugenista (Paula e Lopes, 2020) de Bolsonaro, que tantas vezes falou em matar e limpar o Brasil, tendo como mote que “as minorias têm que se curvar às maiorias”, composta por homens brancos e autodeclarados héteros. Calçado em uma interpretação conveniente da Bíblia, Bolsonaro e sua Ministra da Mulher à época, Damares Alves, pastora cristã, falavam sobre o papel da mulher ser o da submissão ao homem. Logo, com atitudes focadas nesse discurso, no armamento e com falta de políticas públicas de proteção às mulheres, o governo fomentou a impunidade para agressores em detrimento das vítimas, que continuaram em situações de insegurança e fragilidade. Essa prática política corrobora com o histórico de Bolsonaro, que tem registros de violência contra mulher em 1998, quando deputado federal. A Revista *Piauí* publicou uma matéria sobre o caso em 2018, reportando ao *Jornal do Brasil*, que noticiou o caso à época:

O deputado federal Jair Bolsonaro (PPB), candidato à reeleição, foi acusado de agredir uma mulher na frente da agência do Banco do Brasil na avenida Duque de Caxias, em Deodoro. A vítima, Conceição Aparecida Aguiar, de 42 anos, gerente de uma empresa que presta serviços de assistência jurídica – Planajur - , alega ter sido espancada pelas costas pelo deputado enquanto discutia com uma de suas correligionárias e pretende processá-lo por agressão. Seu chefe, Jorge dos Santos, afirma ter sofrido ofensas do deputado e também ter sido espancado por dois seguranças de Bolsonaro. Bolsonaro, por sua vez, admitiu que agrediu Conceição, mas, segundo ele, quem iniciou o tumulto foram os funcionários da Planajur. (Piauí, 2018)

Esse não foi o único momento em que o político agiu de forma violenta contra uma mulher. Em 2003, também como deputado, ele e a deputada do PT, Maria do Rosário, discutiram perante câmeras de diversos canais de TV, até que Bolsonaro disse, em tom hostil enquanto apontava o dedo em riste para o rosto de Maria do Rosário: “Jamais ia estuprar você porque você não merece”. Em seguida passou a empurrá-la e só parou quando outro homem o segurou. Começou, então, a chamá-la de “vagabunda” (Revista *ISTOÉ*, 2014). Segundo Saffioti:

O caso extremo do uso do poder nas relações homem-mulher pode ser caracterizado pelo estupro. Contrariando a vontade da mulher, o homem mantém com ela relações sexuais, provando assim sua capacidade de submeter a outra parte, ou seja, aquela que, segundo a ideologia dominante, não tem direito de desejar, não tem direito de escolha. (1987, p.18)

Bolsonaro tentou fazer com que a deputada se submetesse a ele que, como homem, é, pela ideologia dominante patriarcal, o ser “superior”, com direito à dominação, enquanto a mulher, ser de “segunda grandeza”, conforme as discriminações estruturais machistas, advindo do homem

(“costela de Adão”) para servi-lo, uma vez que “parte” dele, deveria (deve) obedecê-lo e concordar com ele em tudo. A ameaça de uma violência tão degradante e injustificável, como o estupro, foi utilizada pelo deputado como uma ferramenta para colocar mulheres “desobedientes”, que o contradigam, em seus “devidos lugares” de “inferioridade”. Beauvoir (2019a, p.94) afirma que “a violência cometida contra outrem é a afirmação mais evidente da alteridade desse outrem”. Ao justificar que não estupraria Maria do Rosário por ela não “merecer”, Bolsonaro utiliza o não-merecimento pela compleição física, qualificada por ele como “feia” para colocá-la em uma posição de degradação, pois comparativa a da mulher que, segundo ele (símbolo da lógica patriarcal estrutural) “mereceria” ser estuprada, dado o seu porte físico.

Cabe aqui um parêntese sobre o signo ideológico merecimento, pois, por meio dele, Bolsonaro revela sua concepção de estupro não como crime hediondo, um dos mais graves cometidos com e contra uma mulher, mas sim como uma premiação dispensada a mulheres desejáveis do ponto de vista estereotipado e conforme determinada visão de beleza. Com esse ponto de vista, o discurso de Bolsonaro expressa sua ideologia de ratificação ao homem, caracterizado como “proprietário” da mulher, que não cabe ter voz, pois passiva e objetual. Afinal, se o papel imposto à mulher, muitas vezes, pelo uso de violência, é o de inferioridade, a mulher que não é nem “merecedora” de tais violências recai em um lugar de inferioridade ainda maior, de acordo com essa ideologia machista, misógina e eugenista. Conforme Saffioti,

[...] torna-se bem claro o processo de construção social da inferioridade. O processo correlato é o da construção social da superioridade. Da mesma forma como não há ricos sem pobres, não há superiores sem inferiores. Logo, a construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina. Mulher dócil é a contrapartida do homem macho. Mulher frágil é a contraparte do macho forte. Mulher emotiva é a outra metade de homem racional. Mulher inferior é a outra face da moeda do homem superior. (Saffioti, 1987, p. 29, grifos da autora)

O signo ideológico é usado como forma de agredir Maria do Rosário, como ato de violência carregado de ideologia misógina. De acordo com Volóchinov (2017, p. 113), “na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dialético da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade de hoje”. Sendo o diálogo uma arena de embate de vozes sociais e forças (Volóchinov, 2017), Bolsonaro em seus enunciados, assume a voz social do grupo dominante (homem, branco e cis) e tenta, pelo uso de signos ideológicos violentos, derrotar a deputada, sujeito que assume voz social subversiva, de mulher que não se

silencia diante de contrariedades, que ocupa cargos políticos, atua na vida pública e representa ideologias que buscam resistir ao machismo estrutural e ao sistema conservador em voga. Dessa forma, as posturas de Bolsonaro e Maria do Rosário refletem e refratam vozes sociais polêmicas abertas, que revelam valores dicotômicos, de campos políticos diferentes. Não se trata, como nos ensina Volóchinov, de vozes individuais, mas coletivas, referentes a grupos sociais.

É por isso que todas as ênfases ideológicas, embora produzidas por uma voz individual (por exemplo, na palavra) ou por qualquer organismo individual são ênfases sociais, que pretendem o reconhecimento social, e apenas em prol desse reconhecimento são realizadas no exterior, no material ideológico. (Volóchinov, 2017, p.111, grifo do autor)

As situações analisadas demonstram o quanto o discurso de ódio estimula o uso da violência e esta reflete e refrata valores ideológicos de virilidade, poder e dominação patriarcal, por isso, um comportamento social incentivado pelos sujeitos que assumem essa ideologia, caso de Bolsonaro. A chamada masculinidade tóxica ganha força nesse contexto, ao permitir que agressores sigam impunes e ainda sejam recompensados com aclamação em seu grupo social, que valora esse comportamento como próprio de um “homem de verdade”. A aprovação do país a esses valores se evidencia ao considerarmos que, mesmo com seu histórico de práticas violentas contra as mulheres, Bolsonaro se tornou presidente do Brasil em 2019; chegou ao segundo turno, em 2022, quase empatado com Lula; e, até hoje, possui 30% de correligionários brasileiros.

ARMAMENTO E VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: O CASO BRENNAND

Em 3 de agosto de 2022, na academia Bodytech, do shopping Iguatemi, em São Paulo, Thiago Brennand é filmado por câmeras de segurança em ataque físico e verbal a Helena Gomes. A vítima relata o acontecimento, confirmado pelas imagens das câmeras. O caso começou com Brennand em protesto junto a professoras da academia, para que Helena saísse de onde se encontrava fazendo seus exercícios e ela se recusou a atender a reivindicação. Essa recusa o levou a confrontá-la e, como ela não cedeu e continuou suas atividades, Brennand começou a agredi-la verbal e fisicamente. Professores e alunas tentaram separá-los, mas Brennand não parou com as ofensas, puxou o cabelo de Helena com tanta força que arrancou tufos (encontrados até o dia seguinte no local do episódio) e disse: “vou cuspir em você porque você merece”. Cuspiu, em seguida, em Helena, que revidou. Quando uma aluna, que não autorizou a divulgação de sua

identidade, tentou separar a briga, Brennand também a agrediu, com ofensas verbais: “O que essa puta, vagabunda está se metendo?”. A aluna, em entrevista para o *Fantástico* (2022a), afirmou:

[a voz, distorcida, da aluna narra enquanto imagens gravadas são exibidas]: Perguntei ‘Helena, o que está acontecendo?’ Ela falou que ele dava em cima dela, que como ele chamava ela para sair e ela falava não, ele se sentiu rebaixado. [...] Eu cheguei na recepção e falei ‘Alguém tá ligando para polícia?’ Ninguém estava ligando para polícia.

Brennand e o filho, que também participou do tumulto e empurrou a aluna, não têm a saída impedida. Os seguranças aparecem, mas não agem para proteger as mulheres atacadas. Os agressores vão embora sem obstáculos, pois, segundo a aluna: “ninguém se meteu. Todo mundo falando ‘ele é influente, ele tem dinheiro, não vai acontecer nada’” (*Fantástico*, 2022a).

O caso ganhou atenção ao ser reportado no *Fantástico*, da Rede Globo. A matéria foi ao ar dia 28 de agosto de 2022 e, desde então, 15 vítimas fizeram novas denúncias contra Brennand (*Fantástico*, 2022d). Dentre um longo histórico de violência, destacamos duas acusações:

“[...] Ele falou: ‘olha como esse fuzil é bom’. Aí mandou eu pegar o fuzil na mão e apontar para o filho dele. O filho dele sentou em um sofá, ele apagou a luz. O fuzil tem aquela luzinha, e ele mandou eu mirar com aquela luzinha no escuro para o filho. Ali, eu já percebi que era uma pessoa totalmente, assim, desequilibrada”. [...] no ato ele me pediu para ter relação com ele sem preservativo e eu não quis. E ele me forçou. Eu falei ‘não quero mais’, e comecei a chorar, muito mal. E aí ele se tornou agressivo. Me xingou de tudo, me chamou de tudo, de lixo para baixo. [...] me deixou com marcas, os dois braços roxo. [...] A vítima diz que nos dias seguintes recebeu ameaças: “Falou pra mim que São Paulo ia ficar pequena pra mim, porque eu me meti com a pessoa errada, que ele não falava, ele fazia”. (*Fantástico*, 2022d)

[...] ele tomou o seu celular, a agrediu e a obrigou a digitar o código de desbloqueio. Depois, se trancou no quarto com o aparelho. Ela teria gritado e pedido o telefone de volta. “Ele saiu do quarto dele e falou: ‘nenhuma mulher que está comigo grita desse jeito’. E começou a me bater de novo. E aí foi quando ele me levou para o quarto dele. E aí começou a fazer o ato mesmo, forçado ali”. No terceiro dia [da viagem], ela diz que os dois saíram do condomínio para jantar em São Paulo – foi quando ela pensou em falar com alguém: “Quando eu levantei, ele me puxou e falou assim: ‘você não pensa em abrir a sua matraca para ninguém’. Eu voltei e sentei. E voltamos para casa”. “E ele: ‘ah, tem uma surpresa hoje’. Quando nós chegamos, já estava o tatuador lá [...] montando as coisas”. Ele teria dito para ela baixar a blusa. “Eu falei assim: ‘Thiago, não faz isso comigo, Thiago’. Daí (ele) falou assim: ‘Você agora é propriedade minha, você vai ficar marcada’. E a arma dele ali, todo mundo vendo ele armado”. Segundo ela, havia dois funcionários, tatuador e massagista, no local: “Todo mundo conivente, presenciando eu chorando, deitada no sofá, sendo obrigada a fazer uma tatuagem, e ninguém fez absolutamente nada. Ninguém se pronuncia na frente desse homem, cara. Isso não é uma pessoa, isso não é um humano, isso é um monstro” (*Fantástico*, 2022e)

A denúncia pública de crimes hediondos, como os cometidos por Brennand, só é verificada por ser veiculada pela mídia. Ao noticiar o episódio, a mídia incentivou outras vítimas e testemunhas a denunciarem outros casos. Ao apresentar o acontecido com Helena Gomes,

imputando a responsabilidade ao agressor e ao relatar a impunidade após a violência, a mídia criou um espaço em que vítimas puderam se sentir seguras e validadas ao denunciarem seus agressores, com esperança de que, talvez, eles fossem investigados e punidos, por receberem atenção e escrutínio popular de sujeitos que não consideram a violência contra elas/nós (mulheres) algo a ser ignorado e exigem um posicionamento da justiça sobre esses eventos.

Em 3 de setembro, depois da matéria do *Fantástico*, Brennand conseguiu fugir e se refugiar nos Emirados Árabes, onde atos de violência contra mulheres não são criminalizados. Apenas em 2023, o atual presidente (Lula) negociou a extradição do criminoso, preso em Abu Dhabi em 17 de abril, até a polícia brasileira o trazer de volta, dia 29 de abril (G1 SP, 2023).

Os relatos sobre os atos de Brennand mostram similaridades entre os discursos dele e de Bolsonaro, tais como quando o empresário diz “vou cuspir em você porque você merece”, fala que dialoga com “não te estupro porque você não merece”, de Bolsonaro. Essas falas reiteram a noção patriarcal de que a mulher que não obedece, calada, às ordens de um homem deve ser punida. Se, no caso de Maria do Rosário, ela não era, de acordo seu agressor (Bolsonaro), “merecedora” de um estupro, no caso de Helena, em conformidade com Brennand, ela “merecia” ser cuspidada, por responder e corresponder com um biotipo corporal considerado, do ponto de vista estereotipado hegemônico, bonita. Novamente, o signo ideológico (verbo) “merecer” nos chama a atenção, do mesmo modo que o tipo de agressão. O ato de cuspir não é comum em violências desse tipo, mas remete, emotivo-volitivamente, a asco e inferioriza a quem se ataca desse modo.

A “cusparada” nos remete à canção “Geni e o Zepelim” (1979), da *Ópera do Malandro* (1978), de Chico Buarque, em que, o refrão, vocalizado por um coro que assume a voz social da cidade, diz: “Ela [Geni] é boa de cuspir” porque “Ela dá pra qualquer um / Maldita Geni”. Ao pensarmos no enunciado integral da canção, em seu contexto, na peça musical de Chico e sabermos que Geni é uma prostituta, ambigualmente caracterizada como uma mulher trans obrigada, para salvar a cidade, a se deitar com o “comandante” (símbolo do militar que, com seu “Zepelim gigante”, ameaça destruir a cidade e só não o faz por ser atendido em sua exigência de ser “servido” por Geni, com quem e em quem “[...] fez tanta sujeira / Lambuzou-se a noite inteira / Até ficar saciado”) “Como quem dá-se ao carrasco” e, mesmo se submetendo a um ato de violação violento, contra a sua vontade, recebe “pedra”, “bosta” e “cuspe” como recompensa da cidade (símbolo da população, dada a coletividade semântica desse signo ideológico). O gesto de cuspir em Helena, realizado por Brennand, reflete e refrata o valor de “objeto” a ser maltratado, usado, descartado e ainda julgado (amaldiçoado), como Geni (como mulheres prostitutas ao longo

dos séculos, em negociações de poder; e como trans, por homens/'comandantes" que as procuram para serviços sexuais) e isso revela o valor machista e misógino desse sujeito (símbolo normativo do "macho alfa", padrão) sobre as mulheres – especialmente, se considerarmos as relações desse caso de Helena com outros de Brennand, como os dois destacados anteriormente, em que ele bateu, estuprou, tomou objetos e tatuou mulheres com quem se relacionou.

Brennand e Bolsonaro personificam a voz social e a valoração eugenista neonazifascista da extrema direita, tanto pelo posicionamento sobre porte de armas (Brennand é dono de uma grande coleção de armas, exibida nas redes sociais, e acessórios, apreendidos pela polícia, com suspeita de origens ilícitas, [Fantástico, 2022b]), quanto sobre o tratamento com as mulheres.

Dentre as consequências do incentivo e da facilitação da aquisição de armas de fogo, principalmente vindo de sujeitos pertencentes à superestrutura, representantes do governo (caso de Bolsonaro e seus filhos), temos o aumento da violência contra as mulheres, uma vez que homens armados se sentem, simbolicamente, fortes, poderosos e viris, o que leva alguns a assumirem uma postura autoritária machista de dominação e superioridade diante das mulheres.

Brennand, como relatado no *Fantástico* (2022d), utilizou as armas de fogo como ferramentas de ameaça para abuso psicológico e físico contra mulheres e contra o filho, colocando a vida de todos os envolvidos em risco. O caso do empresário é exemplar porque reflete e refrata um problema social de grande escala: em um sistema patriarcal que incentiva a masculinidade tóxica, valora mulheres como seres inferiores, existentes apenas para satisfazer os homens, casos de violência contra as mulheres seguem em crescimento e com agressores impunes, perpetuando o machismo estrutural. A naturalização da ideologia da dominação pela violência se expressa pela transformação do sujeito-mulher em objeto, com o qual se pode tudo, uma vez que "propriedade" do sujeito-homem dominador. A violência contra as mulheres é praticada como forma de mascarar (Saffioti, 1987, p.11) esse ato ideológico. A estatística e as notícias não são dados, elas retratam condições (des)humanas, refletem e refratam a organização social, sustentada por uma estrutura, como explica Saffioti, constituída pelo nó patriarcado-capitalismo-racismo, sustentada pelo machismo e pelo racismo estruturais, hierarquizada por grupos e classes sociais.

Há duas formas autônomas e complementares de naturalização da ideologia misógina: 1) a atribuição dessas ideias a Deus; e/ou 2) a uma criação da realidade. Ao se conferir a inferioridade da mulher à criação divina (1) e, pensar que, no cristianismo neopentecostal, Deus é único, perfeito, designado no masculino e autoridade (autoritária), a quem não se deve nem pode questionar e, menos ainda, desobedecer, posicionar-se contra o machismo significa ir contra

a criação divina, e conseqüentemente, contra esse Deus todo poderoso (daí, o ódio ainda maior às mulheres feministas). De outro modo, quando se atribui a inferioridade da mulher às leis biológicas (2), associa-se a noção de que, independente da crença do sujeito, ele é resultado de construções biológicas (corpo físico marcado pelo gênero desde o nascimento e não por escolha do sujeito, em que hormônios e órgãos são caracterizados pela/para a reprodução) e, por isso, o sujeito-objeto mulher deve se submeter às normas sociais hegemônicas, como se fossem leis “naturais” (biológicas). Ambas as formas de dominação citadas imputam um sentido de impotência a nós, sujeitos-mulheres, pois sem possibilidade de questionamento ou alteração dessa “realidade” (construída socioculturalmente), colocada, pelo discurso (pelo dizer, em atos), como “inata” e “divina”, aparentemente “isenta”, portanto, de cargas ideológicas.

A relação entre Bolsonaro e Brennand não é fortuita. O empresário declarou publicamente seu apoio a Bolsonaro no período eleitoral presidencial de 2022, ao afirmar, em um vídeo postado em seu canal do *Youtube*, dia 11 de outubro, que “se Deus quiser, vamos vencer no 2º turno” (o uso do verbo “ir” na 1ª pessoa do plural – “vamos” – insere Brennand ao grupo seguidor e eleitor de Bolsonaro, aproximando esses dois sujeitos justamente pelos valores ideológicos que comungam). A assunção de semelhança de Brennand com Bolsonaro ocorre pela identidade valorativa de superioridade machista armamentista dominadora (isso se encontra no seu perfil, descrito como: “branco, conservador, armamentista. Pela família, pela propriedade privada, pela disciplina, pelo respeito ao próximo, pela humildade, por colocar o homem no seu lugar e a mulher também”). Assim como o político, Brennand utiliza a expressão “se Deus quiser” para trazer para o seu discurso a ideia de que é um homem “tradicional” e “religioso”. Por consequência, suas ações (inclusive as violências) seriam “vontade” do Deus onisciente e onipresente, apropriado por ambos (empresário e político) como autoridade máxima, logo, com atos inquestionáveis e irrepreensíveis, uma vez que “desígnio” desse Deus onipotente. Do mesmo modo, a ideia da mulher “no seu lugar” (subentendido como lugar de subserviência silenciosa de servidão sexual e doméstica ao homem) se encontra calcada em dado discurso neopentecostal.

Esses valores são convenientes aos homens abusivos, pois lhes assegura a impunidade e o que denominam como “liberdade” para agirem sem julgamento e sem punição, pois as mulheres não teriam voz, uma vez que objetos pertencentes a eles (daí, inclusive, a assunção de seus sobrenomes, do uso dos possessivos etc) e, como “coisas”, não denunciariam as agressões sofridas que, caladas, suportariam, pois entendidas como “castigo merecido”, “provocado” por seus comportamentos “pecaminosos” (contrários a essa lógica teológica assumida por eles).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua atuação política, Bolsonaro tem produzido enunciados de incentivo ao armamento da população e à violência contra a mulher e outros grupos minoritários. Ao tornar-se presidente, a normalização da agressividade injustificada, da masculinidade tóxica, do armamento civil, entre outros valores defendidos por ele, foram colocados em prática, o que fica comprovado pelo número de feminicídios e violência doméstica, principalmente, perpetuados com armas. Os 4 anos de presidência de Bolsonaro revelaram um projeto de governo necropolítico (Paula e Siani, 2022), calcado na violência, com o sucateamento de instituições que visam a diminuição de casos e o acolhimento de vítimas, assim como a diminuição de investigação e punição de agressores. Isso institucionalizou a impunidade, validou criminosos e colaborou para a cristalização e a perpetuação do machismo estrutural.

O caso Brennand, conhecido em 2022, por denúncia do *Fantástico*, expressa as consequências de discursos machistas, conservadores e misóginos, como os de Bolsonaro que, como presidente, atuou com crueldade, abuso e violência com todos ao seu redor, considerados por ele inferiores, como mulheres, crianças, negros, comunidade LGBTQIAPN+ e povos originários.

O escape de Brennand demonstra a impunidade que criminosos como ele viveram no governo Bolsonaro e a banalização do machismo estrutural em um país que negligencia mulheres e as/nos oferece, como fez Bolsonaro, dia 25 de abril de 2019, em um café da manhã com jornalistas, em que disse ter uma “pauta conservadora de governo” e, por isso, não aceitava “turismo gay”, mas afirmou: “Quem quiser vir ao Brasil fazer sexo com mulher, fique à vontade” (Correa, 26 abr 2019).

A prática normalizada entranhada na sociedade brasileira não apenas dificulta que o tratamento machista tenha um fim, como intensifica as violências, cada vez mais sádicas, principalmente quando armadas, sustentadas pela estrutura governamental, logo, institucionalizada.

As violações revelam uma concepção sociocultural de e sobre mulher: relação de posse/propriedade e de ódio. O caso trazido à luz (Brennand), em diálogo com enunciados de Bolsonaro, constitui-se como elo de uma corrente discursiva que constitui a mentalidade sistêmica machista perversa, de dominação pela força. Como explica Segato (2012), a lógica patriarcal se fundamenta no entremeio de muitos poderes, em embate polêmico (de guerra), em

que a estrutura política (como dimensão de poder) regula a sociedade e imputa dado padrão, observado no dia a dia, pelos atos socioculturais.

O período do governo Bolsonaro (2019-2022) foi caracterizado pelas forças centrípetas, agentes em direção à hegemonia e à manutenção do poder da superestrutura, nesse caso, a dominação patriarcal machista violenta, de e em um sistema impertinente conosco, as mulheres, em que não estamos seguras, mesmo que existam leis que nos protejam (como a de feminicídio, Maria da Penha, contra estupro, entre outras), já que o governo e as instituições que legislam tais leis, não as executam ao dificultarem o acesso das vítimas a órgãos de proteção ou dificultarem o processo de acusação do agressor.

Ainda hoje, mesmo com outro governo e prática política distinta, as instituições e a sociedade agem do mesmo modo, uma vez que a lógica patriarcal está fundada no machismo estrutural e, pelo menos 30% da população se caracteriza como o que foi nomeado como “bolsonarista” – caracterização esta que, ainda que atrelada ao nome de Bolsonaro, pois, de modo personificado, por atos e declarações machistas, misóginas e armamentistas, ele ganhou popularidade, captaneando valores que vão muito além dele, já que caracterizam, pelo menos, parte da sociedade. Com o “bolsonarismo”, a impunidade passou a ser (e ainda é) uma realidade social a ser combatida e superada como mentalidade constitutiva brasileira e essa mentalidade, como vimos com a releção feita, funda-se no machismo estrutural.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao CNPq e à CAPES pelas bolsas PQ e Doutorado concedidas.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019a.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019b.

BUARQUE, C. “Geni e o Zepelim”. **Ópera do Malandro**. Rio de Janeiro: Polygram, 1979 (álbum lançado em 1979, a partir da peça musical estreada no Rio de Janeiro em 1978). Disco 2, quinta música do lado A, 5’17”.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO. **Lei do Feminicídio**. Disponível em:

<https://www.saopaulo.sp.leg.br/mulheres/legislacao/lei-do-feminicidio/#:~:text=A%20Lei%20n%C2%BA%2013.104%2F2015,condi%C3%A7%C3%A3o%20de%20mulher%20da%20v%C3%ADtima>. Acesso em: 16 mai. 2023

CHAUÍ, M. **Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CORREA, M. Jair Bolsonaro durante café da manhã com jornalistas de jornais e TV. **Pragmatismo**, 26 abril 2019. Disponível em: <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2019/04/jair-bolsonaro-brasil-paraiso-gay.html>. Acesso em: 13 out 2025.

DI FANTI, G., PAULA, L. DE, PONZIO, L. A proposta dialógica do Círculo bakhtiniano. **Letras De Hoje**, 56(3), 2021, p. 395-404. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42530>.

FANTÁSTICO. **Aluna de academia em shopping de luxo de SP relata agressão de empresário: 'Ele falou: 'Vou cuspir em você porque você merece'**. 2022a. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/08/28/aluna-de-academia-em-shopping-de-luxo-de-sp-relata-agressao-de-empresario-ele-falou-vou-cuspir-em-voce-porque-voce-merece.ghtml>. Acesso em: 17 mai. 2023.

FANTÁSTICO. **Caso Thiago Brennand: polícia localiza grande quantidade de acessórios para armas em umas das propriedades do empresário**. 2022b. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/09/11/caso-thiago-brennand-policia-localiza-grande-quantidade-de-acessorios-para-armas-em-umas-das-propriedades-do-empresario.ghtml>. Acesso em: 19 mai. 2023

FANTÁSTICO. **'Mandou eu pegar o fuzil na mão e apontar para o filho dele', diz mulher que afirma ter sido vítima de Thiago Brennand**. 2022d. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/10/10/mandou-eu-pegar-o-fuzil-na-mao-e-apontar-para-o-filho-dele-diz-mulher-que-afirma-ter-sido-vitima-de-thiago-brennand.ghtml>. Acesso em: 19 mai. 2023

FANTÁSTICO. **Mulher relata agressões e diz ter sido obrigada a tatuar iniciais de empresário: 'É um monstro'**. 2022e. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2022/09/05/mulher-relata-agressoes-e-diz-ter-sido-obrigada-a-tatuar-iniciais-de-empresario-e-um-monstro.ghtml>. Acesso em: 19 mai. 2023

G1. **50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha**. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 13 mai. 2023.

G1 SP. **Thiago Brennand chega à sede da PF em São Paulo após ser preso e extraditado pelos Emirados Árabes**. 2023 Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/04/29/thiago-brennand-chega-a-sp-escoltado-pela-pf.ghtml>. Acesso em: 21 mai. 2023

ICL Economia. **Ministério da Mulher terá o menor orçamento em 2023. Defesa lidera**

verbas para investimento. 2022. Disponível em: <https://icleconomia.com.br/ministerio-mulher-menor-orcamento-2023/> Acesso em: 16 mai. 2023.

Instituto Sou da Paz. **Arma de fogo é principal instrumento usado para tirar vida de mulheres no Brasil, revela relatório do instituto Sou da Paz.** 2021. Disponível em: <https://soudapaz.org/noticias/arma-de-fogo-e-principal-instrumento-usado-para-tirar-vida-de-mulheres-no-brasil-revela-relatorio-do-instituto-sou-da-paz/> Acesso em: 05 mai. 2023

MELO, R. O discurso como reflexo e refração e suas forças centrífugas e centrípetas. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). **Círculo de Bakhtin:** teoria inclassificável. Vol. 1, Série Bakhtin: Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 235-264.

MORATELLI, V. **Bolsonaro: 'Compre armas! Isso está na Bíblia'.** 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/bolsonaro-compre-armas-isso-esta-na-biblia> Acesso em: 12 mai. 2023.

OLIVEIRA, C. **Dameres reserva em 2022 a menor verba para o combate à violência contra mulher em quatro anos.** São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/03/08/dameres-reserva-em-2022-a-menor-verba-para-o-combate-a-violencia-contra-mulher-em-quatro-anos> Acesso em: 16 mai. 2023.

PANHO, I. A. **Foragido e acusado de crimes sexuais, Thiago Brennand diz que não está fugindo.** 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/foragido-e-acusado-de-crimes-sexuais-thiago-brennand-diz-que-nao-esta-fugindo/>. Acesso em: 19 mai. 2022

PAULA, L. de; DI FANTI, G.; PONZIO, L.; PASCHOAL, C. S. A heterocientificidade dialético-dialógica do Círculo bakhtiniano. **Letrônica**, v. 14 (sup.), 2021, p. e43015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/43015>.

PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O marxismo no/do Círculo de Bakhtin. In: STAFUZZA, G. B. (Org). **Slovo**. Curitiba: Appris, 2011, p. 79-98.

PAULA, L. de; LOPES, A. C. S. A eugenia de Bolsonaro: leitura bakhtiniana de um projeto de holocausto à brasileira. **Linguasagem**. São Carlos (SP), v. 35, n. 1 (2020), p. 35-76. Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/769>.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. As noções bakhtinianas de linguagem e enunciado. **Letras de Hoje**, 56(3), 2021, p. 453-464. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/42207>.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. O sujeito, a consciência individual e a consciência coletiva: noção de consciência em Marxismo e Filosofia da Linguagem. In: Jesus, S. N. de; Ferrarezi Junior, C. (orgs.). **Pilares da Teoria Dialógica do Discurso:** a obra de Valentin Volóchinov (da década de 1920 aos dias atuais). São Carlos: Pedro & João: 2022a, p. 245-266.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. Língua(gem) e enunciado: uma proposta verbivocovisual da/na filosofia bakhtiniana. In: REZENDE, P.; BRAMBILA, G. (Orgs.). **Percursos em linguística:** teorias, abordagens e propostas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022b, p. 209-234. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/site/percursos-em-linguistica-teorias-abordagens-e-propostas/>.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia bakhtiniana de linguagem e a pertinência da verbivocovisualidade. In: PEREIRA, R. A.; PINTO, M. A. A. G.; AGUILERA, M. C. A. (Orgs.). **Estudos do campo discursivo na contemporaneidade**. São Carlos: Pedro & João, 2024, p. 71-126. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/estudos-do-campo-discursivo-na-contemporaneidade/>.

PAULA, L. de; SANT'ANA, C. G. A “verdadeira mulher”: bela, empoderada e do ler. **Linguagem: Estudos E Pesquisas**, 24(2), 2020, p. 195–218. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/65394>.

PAULA, L. de; SANT'ANA, C. G. O sorriso (enigma) de Mona Lisa: mulheres e sociedades em embate. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 22, n. 4, 2022, p. 871-908. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/mTXqSH3NcDCqV8L5bMrBL3C/?lang=pt>.

PAULA, L. de; SANT'ANA, C. G. A violência contra a mulher no Brasil: repercussão pública do machismo estrutural. **Fórum Linguístico**, v. 19, n. 1 (2022b), p. 7555-7574. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/78876>.

PAULA, L. de; SIANI, A. C. Uma análise baktiniana da necropolítica brasileira em tempos de pandemia. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 3, p. 475-503, 17 dez. 2020. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1595>.

PARREIRA, M. **Registros de caçadores, atiradores e colecionadores no governo Bolsonaro triplicam em relação ao total dos 15 anos anteriores**. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2022/10/15/registros-de-cacadores-atiradores-e-colecionadores-no-governo-bolsonaro-triplicam-em-relacao-ao-total-dos-15-anos-anteriores.ghtml> Acesso em: 05 mai. 2023.

PIAUI. “Mesmo tendo sido agredida por Bolsonaro, voto nele.” 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/mesmo-tendo-sido-agredida-por-bolsonaro-voto-nele/> Acesso em: 10 mai. 2023.

REVISTAISOTE. “Não estupro porque você não merece”, diz Bolsonaro a Maria do Rosário. 2014. 1 vídeo (2 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=LD8-b4wvIjc&ab_channel=revistaISTOE Acesso em: 16 mai. 2023.

RODRIGUES, A. **Sem verbas, não há políticas públicas, diz ministra da Mulheres**. Brasília, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2023-01/sem-verbas-nao-ha-politicas-publicas-diz-ministra-da-mulheres> Acesso em: 16 mai. 2023.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero patriarcado violência**. São Paulo: Expressão popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

TISCOSKI, G. **Arma de fogo é instrumento mais utilizado em assassinatos de mulheres no Brasil**. Distrito Federal, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/11/17/arma-de-fogo-e-instrumento-mais-utilizado-em-feminicidios-no-brasil.ghtml> Acesso em: 05 mai. 2023.

UOL. **'Facilitamos para cidadão comum', diz Bolsonaro sobre mais armas no Brasil.** 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/08/04/bolsonaro-facilitamos-armas-para-o-cidadao-de-bem.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 12 mai. 2023.

UOL. **Sob Bolsonaro, país tem mais de 1 milhão de novos registros de armas.** 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/06/04/registro-de-armas-jair-bolsonaro-cacs-violencia-homicidios-lobby.htm?cmpid=copiaecola> Acesso em: 12 mai. 2023

VELASCO, C *et al.* **Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas.** 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml> Acesso em: 12 mai. 2023

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem.** Rio de Janeiro: 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. **A palavra na vida e a palavra na poesia.** Rio de Janeiro: 34, 2019.